

O papel da filosofia na perspectiva de Richard Rorty: da epistemologia à hermenêutica

The role of philosophy in Richard Rorty's perspective:
epistemology to hermeneutics

Altair Alberto Fávero
Universidade de Passo Fundo
altairfaver@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/5866881378328643>

Carina Tonieto
Universidade de Passo Fundo
tonieto.carina@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/9429620134345330>

Resumo

Nos propomos, nos limites do presente ensaio, abordar a análise que Richard Rorty faz da filosofia contemporânea a partir da relação entre a epistemologia e a hermenêutica. Com esta análise pretendemos identificar um possível papel para a filosofia e os filósofos a partir da perspectiva rortiana. Estruturamos o ensaio em três tópicos: no primeiro, seguindo os passos de Rorty, reconstruímos a concepção de filosofia epistemologicamente centrada que se desenvolveu na modernidade a partir do *cogito* cartesiano, do *sensualismo* de Locke e da ideia de disciplina fundamental proposta por Kant. No segundo tópico, analisamos a aproximação e distinção entre epistemologia e hermenêutica feita por Rorty de maneira sistemática em um dos capítulos do seu *Filosofia e o espelho da natureza*. Como considerações finais analisaremos a distinção feita por Rorty entre filosofia sistemática e filosofia edificante e o papel da filosofia e dos filósofos a partir dessa perspectiva.

Palavras-chave

Rorty; Filosofia edificante; Epistemologia; Hermenêutica.

Abstract

We propose, within the limits of this document, approach the analysis that Richard Rorty do of contemporary philosophy from the relationship between epistemology and hermeneutics. With this analysis we intend to identify a possible role for philosophy and philosophers from Rorty's perspective. Structured this document in three topics: the first, following the footsteps of Rorty, we reconstruct the conception of epistemologically centered philosophy that developed in modernity from the Cartesian *cogitate*, the *sensuality* of Locke and the idea of basic discipline proposed by Kant. In the second topic, we analyzed the approach and distinction between epistemology and hermeneutics made by Rorty systematically in one of the chapters of his work *Philosophy and the mirror of nature*. As final considerations we will analyze Rorty's distinction between systematic philosophy and edifying philosophy, and the role of philosophy and philosophers from that perspective.

Keywords

Rorty; Edifying philosophy; Epistemology; Hermeneutics.

1. Introdução

A relação entre Epistemologia e Hermenêutica situa-se no contexto contemporâneo, na tentativa de estabelecer possíveis pontes que possam superar determinados limites encontrados pela

epistemologia no século XX. Tais limites poderiam ser identificados no contexto do pensamento atual naquilo que poderíamos chamar “crise da modernidade”. Essa “crise” é em primeiro lugar uma crise de sentido e conseqüentemente do valor de todas as coisas. É todo o sentido do mundo do passado, sobretudo, de sua forma moderna que está sendo posto em questão.

A crise cultural em que vivemos é a crise contra a razão, contra a ilustração, contra um modelo de racionalidade que se frustrou na tentativa de dizer o mundo. No dizer de Oliveira “a crítica da razão instrumental desenvolvida pela modernidade desemboca numa crítica à modernidade entanto tal, e, em última análise, numa crítica à própria razão, que é vista como instrumento de repressão” (1995, p. 07). Sergio Paulo Rouanet identifica esta crise a partir de três facetas que, segundo ele, estão interligadas. Trata-se da crise da razão, da modernidade e da ilustração. A crise da razão se manifesta a partir do irracionalismo que, mediante certa leitura de Foucault, Deleuze e Lyotard, e sob a influência de um neonietzscheísmo que vê relações de poder em toda parte, “considera a razão o principal agente da repressão, e não o órgão da liberdade” (Rouanet, 1987, p. 12).

Não são poucos os pensadores que tentam diagnosticar a crise da modernidade. Nietzsche, Lukács, Adorno, Horkheimer, Foucault, Marcuse, Derrida, Deleuze, Habermas são apenas alguns autores que poderiam ser listados na longa nominata que compõe os críticos da modernidade. Entretanto, com a finalidade de delimitar nossa investigação tomaremos Richard Rorty como referencial de análise para situar tal problemática e extrair nesse contexto a possível relação entre epistemologia e hermenêutica.

Nos propomos, no presente texto, abordar a análise que Rorty faz da filosofia contemporânea a partir da relação entre a epistemologia e a hermenêutica. No primeiro tópico de nossa análise partimos da concepção de filosofia epistemologicamente centrada que se desenvolveu na modernidade a partir do *cogito* cartesiano e do *sensualismo* de Locke e que encontrou em Kant a sua maturidade enquanto disciplina *fundamental*. No segundo tópico, analisamos a aproximação e distinção entre epistemologia e hermenêutica feita por Rorty de maneira sistemática no VII capítulo do livro *Filosofia e o espelho da natureza*. No último tópico analisaremos a distinção feita por Rorty entre filosofia sistemática e filosofia edificante e o papel da filosofia e dos filósofos a partir dessa perspectiva.

2. A filosofia epistemologicamente centrada

Em *A filosofia e o espelho da natureza* (Rorty, 1994), considerado um clássico no pensamento contemporâneo, Richard Rorty introduz uma importante discussão filosófica em torno do conhecimento que acabou repercutindo em diversas áreas do saber, além dos limites da academia. Tal discussão resultou como consequência a indicação de caminhos que apontam para a superação de alguns dos impasses em que o pensamento contemporâneo se encontra do ponto de vista epistemológico e metodológico. A tese central de Rorty consiste em mostrar como a filosofia moderna foi em grande parte dominada por uma ideia básica: o pressuposto de que a mente se caracteriza por espelhar a natureza, o que garantiria a possibilidade do conhecimento, da representação correta da realidade. Sendo assim, a epistemologia é adotada como área central da filosofia. A tarefa primordial da filosofia consistiria, neste contexto, na fundamentação e na legitimação do conhecimento e das teorias científicas. “Conhecer é representar acuradamente o que está fora da mente; assim, compreender a possibilidade e natureza do conhecimento é compreender o modo pelo qual a mente é capaz de construir tais representações” (Rorty, 1994, p. 19).

O ponto central desenvolvido em *A filosofia e o espelho da natureza* é a desconstrução sistemática dos conceitos-chave tanto dos filósofos modernos (ligados a ideia de filosofia da

consciência) quanto da filosofia analítica. Neste sentido, Rorty não só critica os filósofos da tradição racionalista continental, quanto, igualmente critica os filósofos devedores da tradição inglesa. Segundo ele, ambas as tradições centralizaram a ideia de filosofia na epistemologia, ou seja, igualmente desenvolveram uma concepção filosófica centrada no conhecimento como representação ou reprodução, no espelho mental, do mundo exterior à mente. Para Rorty, o representacionismo é o núcleo central no qual se desenvolveu a filosofia moderna.

Rorty quer superar as metáforas dominantes relativas à mente e ao conhecimento por julgar estarem vinculadas a uma ideia equivocada da filosofia, própria de toda a tradição moderna. O alvo de sua crítica dirige-se à filosofia da representação, fundacionista ou essencialista, que pensam o conhecimento como correspondência à realidade e restauram, sucessivamente, ao longo dos séculos, a metafísica dos dualismos (universalismo-relativismo; objetivismo-subjetivismo; racionalismo-irracionalismo). Para ele, não existe um ponto de Arquimedes, superior e exterior ao diálogo humano, a partir do qual poderíamos deduzir os critérios indiscutíveis e finais de verdade, justiça e beleza. A verdade, assim como os juízos éticos e estéticos, são produtos precários e provisórios dos debates e embates densos, agonísticos e incessantes, de atores históricos concretos, em contextos sociais determinados. É nesse contexto que ele propõe um exercício filosófico que poderíamos intitular “da epistemologia à hermenêutica”.

Rorty fundamenta sua tese a partir do paradigma da “virada epistemológica” iniciada no século XVII e que tem em Kant seu principal expoente. Tal “virada” representa “a demarcação da filosofia em relação à ciência e foi tornada possível pela noção de que o cerne da filosofia era a teoria do conhecimento, uma teoria distinta das ciências porque era seu fundamento” (Rorty, 1994, p. 140). A metafísica teria sido desbancada pela física se Kant não a tivesse transformado em teoria do conhecimento (uma disciplina *fundamental*). “A filosofia tornou-se ‘primária’ não mais no sentido de ‘mais elevada’, mas no sentido de ‘subjacente’” (1994, p. 140). Na visão de Rorty, foi isso que salvou a filosofia na era da Ciência, uma vez que ela deixa de ser a “rainha das ciências” (antiga noção metafísica de filosofia) e passa a ser uma disciplina “mais básica”, uma disciplina responsável pelos fundamentos, uma disciplina “fundamental”. Nessa perspectiva kantiana, a filosofia passa a trilhar um novo projeto: “Esse projeto de aprender mais sobre o que podíamos conhecer, e como podíamos conhecê-lo melhor estudando como nossa mente funciona, iria ao final ser batizado de epistemologia” (Rorty, 1994, p. 145). Entretanto, segundo Rorty, a expressão teoria do conhecimento (epistemologia) só se tornou corrente e ganhou respeitabilidade depois que Hegel deixou de dominar o cenário intelectual da Alemanha. Para o hegelianismo a relação da filosofia com as outras disciplinas era de que a primeira, “de algum modo tanto completava como engolia as outras disciplinas em vez de as *basear*” (1994, p. 143).

Rorty (1994, p. 144-146) descreve o processo que possibilitou a filosofia, enquanto epistemologia, atingir a autocerteza no período moderno, dessa maneira: A invenção da mente feita por Descartes, deu aos filósofos um novo terreno onde pisar, pois proporcionou um campo de inquirição que parecia ‘prévio’ aos temas sobre os quais os filósofos antigos haviam tido opiniões. Nesse campo interior a *certeza*, enquanto oposta à mera *opinião*, era possível. Em Locke, a mente tornou-se assunto tema de uma ‘ciência do homem’, ou seja, a epistemologia enquanto estudo de como nossa mente funciona. Com Locke ocorre a criação de uma disciplina preocupada em descobrir a natureza, a origem e os limites do conhecimento humano. Entretanto, Locke comete uma confusão entre explicação e justificação, uma confusão fundamental entre os elementos do conhecimento e as condições do organismo (fisiologia) para o conhecimento. O ‘sensualismo’ de Locke acabou não sendo o candidato talhado para ocupar a vaga de “rainha das ciências” da velha metafísica. Somente com Kant a filosofia é posta ‘na trilha segura de uma ciência’ uma vez que este reconciliou a afirmação cartesiana de que apenas podemos ter certeza

sobre nossas ideias com o fato de que tínhamos certeza (conhecimento *a priori*) sobre o que parecia não serem ideias. É através da revolução copernicana feita com Kant, ou seja, com a noção de que apenas podemos saber *a priori* sobre objetos se os constituímos, que a 'epistemologia' como disciplina atinge a maioria. Com isso, a filosofia enquanto epistemologia, torna-se autoconsciente e autoconfiante. A epistemologia torna-se assim uma disciplina-suporte capaz de descobrir características 'formais' de qualquer área da vida humana e os professores de filosofia capacitados a se verem presidindo um tribunal da razão pura, capaz de determinar se outras disciplinas estavam se mantendo dentro dos limites legais estabelecidos pela estrutura do espírito do conhecimento.

3. A distinção e aproximação entre epistemologia e hermenêutica

Rorty inicia o VII capítulo de *A filosofia e o espelho da natureza* esclarecendo que sua intenção não é apresentar a hermenêutica como substituta da epistemologia, mas sim demonstrar que a hermenêutica poderá constituir-se numa expressão de esperança na ampliação do horizonte no qual se concebe a produção e validação do conhecimento.

Quero deixar claro desde o início que não estou colocando a hermenêutica como um 'objeto sucessor' da epistemologia, como uma atividade que preenche a baga cultural outrora preenchida pela filosofia epistemologicamente centrada. Na interpretação que estarei oferecendo, 'hermenêutica' não é o nome de uma disciplina, nem de um método para alcançar o tipo de resultados que a epistemologia não conseguiu alcançar, nem de um programa de pesquisa. Pelo contrário, hermenêutica é uma expressão de esperança em que o espaço cultural deixado pela extinção da epistemologia não seja preenchido - de que a nossa cultura se tornasse tal que a exigência de restrição e confrontação não mais seja sentida (Rorty, 1994, p. 311-312).

Na sequência da argumentação, Rorty vai apresentando as distinções e possíveis aproximações entre epistemologia e hermenêutica. A epistemologia parte do pressuposto de que "para sermos racionais, para sermos plenamente humanos, para fazermos o que deveríamos, precisamos ser capazes de encontrar a concordância com outros seres humanos. Construir uma epistemologia é encontrar a quantidade máxima de terreno comum com os outros" (Rorty, 1994, p. 312). Nesse sentido, a epistemologia deposita sua esperança na possibilidade de uma racionalidade comum onde os participantes de um determinado discurso são unidos por interesses mútuos para alcançar um fim comum. Em tal concepção, ser racional "é encontrar um conjunto apropriado de termos para os quais todas as contribuições deveriam ser traduzidas, se for necessário que a concordância se torne possível" (Rorty, 1994, p. 314).

A hermenêutica, diferentemente da epistemologia, não pressupõe um terreno comum entre interlocutores de uma conversação, mas deposita sua esperança na concordância ou discordância interessante e frutífera que poderá resultar de uma interlocução. Para a hermenêutica, "ser racional é estar disposto antes a assimilar o jargão do interlocutor que traduzi-lo para o próprio" (1994, p. 314). Sendo assim, os interlocutores são unidos, não por uma meta comum, nem por estabelecer um terreno comum, mas pela civilidade.

Epistemologia e hermenêutica têm sido tratadas de modo usual como sendo duas maneiras de dividir a cultura: a epistemologia tomaria conta da parte séria e cognitiva e a hermenêutica se encarregaria do restante. Para Rorty, tal divisão parte do pressuposto que o conhecimento, no sentido estrito, deve ter um *logos* e que este só pode ser dado pela descoberta de um método de comensuração. Sendo assim, tudo aquilo que pode ser comensurado requer "os cuidados da epistemologia e, inversamente, o que a epistemologia não consegue tornar

comensurável é estigmatizado como meramente *subjetivo*” (1994, p. 316). Os conceitos de ciência normal e ciência revolucionária, utilizados por Thomas Kuhn, em sua obra *A estrutura das revoluções científicas*, são elucidativos para compreender a crítica que Rorty faz ao modo usual de tratar a relação entre epistemologia e hermenêutica. O discurso normal “é aquele que é conduzido dentro de um conjunto combinado de convenções sobre o que conta como uma contribuição relevante. [...] O discurso anormal é aquele que acontece quando se ajunta ao discurso, alguém que seja ignorante a respeito dessas convenções ou as coloque de lado” (1994, p. 316). A epistemologia é o produto do discurso normal sobre o qual se pode concordar que é verdadeiro ou falso para todos os participantes considerados “racionais”. A hermenêutica é o estudo de um discurso anormal desde o ponto de vista de algum discurso normal. A partir dessa perspectiva, conclui Rorty, “a linha entre os respectivos domínios da epistemologia e da hermenêutica não é uma questão de diferença entre as “ciências da natureza” e as “ciências do homem”, nem entre fato e valor, o teórico e o prático, nem entre “conhecimento objetivo” e algo escorregadio e mais dúbio. A diferença é puramente de familiaridade” (1994, p. 317). Sendo assim, seremos epistemológicos onde compreendemos perfeitamente bem o que está acontecendo e hermenêuticos onde não compreendemos o que está acontecendo. O entendimento se dá não porque tínhamos descoberto algo sobre a natureza do conhecimento humano, mas por nos “acostumarmos” a uma determinada prática que perdurou por um tempo necessário para constituirmos determinadas convenções.

3. Considerações finais: um novo papel para a filosofia e para os filósofos

Compreender a relação entre epistemologia e hermenêutica tem profundas implicações na tarefa de definir a identidade e o papel do filósofo e da filosofia no mundo atual. Para Rorty, as noções atuais do que é ser filósofo e por consequência, seu papel e o papel da filosofia, estão intimamente ligados à tentativa kantiana de tornar comensuráveis todas as afirmações de conhecimento. Nessa tentativa, seria “difícil imaginar o que seria a filosofia sem a epistemologia, ou seja, seria difícil imaginar que qualquer atividade tivesse direito de levar o nome de ‘filosofia’ se nada tivesse a ver com conhecimento – se não fosse em algum sentido uma teoria do conhecimento, ou um método de obter conhecimento, ou ao menos uma pista sobre onde alguma espécie supremamente importante de conhecimento poderia ser encontrada” (1994, p. 351). Tal concepção exige do ser humano a tarefa de espelhar com precisão o universo que está ao nosso redor.

Para Rorty esse retrato clássico de ser humano precisa ser colocado de lado “antes que a filosofia epistemologicamente centrada possa ser colocada de lado” (1994, p. 351). É nesse contexto que entra a hermenêutica, como tentativa de deixar de lado esta concepção de filosofia epistemologicamente centrada. Rorty busca em *Verdade e Método* de Gadamer “a redescritção do homem que tenta colocar o retrato clássico dentro de um maior e, assim, antes de distanciar a problemática filosófica padrão do que oferecer um conjunto de soluções às mesmas” (1994, p. 352). Gadamer consegue separar a noção romântica de homem como auto-criativo substituindo a noção de conhecimento por autoformação (*Bildung*) onde “o modo como as coisas são ditas é mais importante do que a posse de verdades” (1994, p. 353).

Rorty utiliza o conceito de “edificação” para representar o projeto de encontrar modos novos, melhores, mais interessantes, mais fecundos de falar. “A tentativa de edificar (a nós mesmos e os outros) pode consistir na atividade hermenêutica de estabelecer conexões entre a nossa própria cultura e alguma cultura ou período histórico exóticos, ou entre nossa própria disciplina e outra disciplina que pareça perseguir alvos incomensuráveis num vocabulário incumensurável” (1994, p. 354). Trata-se, portanto, da tentativa de criar um discurso anormal que

nos tire para fora de nossos velhos *eus* pelo poder da estranheza, para ajudar a nos tornarmos novos seres. Nesse sentido, a busca da verdade ou do conhecimento objetivo é apenas um projeto humano entre muitos outros.

Com a finalidade de expor com mais clareza a possível conexão entre epistemologia e hermenêutica, quase no final de *A filosofia e o espelho da natureza*, Rorty faz uma distinção detalhada entre filosofia sistemática e filosofia edificante: a primeira encontra-se centrada na epistemologia; a segunda abre amplos espaços para a hermenêutica; na primeira o trabalho é essencialmente construtivo; na segunda o trabalho é essencialmente reativo e só tem sentido em oposição à tradição. A filosofia sistemática encontra-se na corrente principal da tradição filosófica ocidental, que Rorty denomina de paradigma do conhecer. A filosofia edificante localiza-se na periferia da história da filosofia moderna e tem como principal característica a desconfiança da noção de que a essência do homem é ser um conhecedor de essências. Os autores que postulam tal filosofia “frequentemente são acusados de relativismo ou cinismo. Frequentemente são dúbios em relação ao progresso, e especialmente em relação à última afirmação de que tal-e-tal disciplina finalmente tornou a natureza do conhecimento humano tão clara que a razão irá agora alastrar-se através do resto da atividade humana” (Rorty, 1994, p. 361).

Assim como Rorty caracteriza distintamente filosofia sistemática e filosofia edificante, também faz uma distinção entre filósofos sistemáticos e filósofos edificantes. Os grandes filósofos sistemáticos são constitutivos e oferecem argumentos. Como os grandes cientistas, constroem para a eternidade e desejam colocar seu tema na trilha segura de uma ciência. De outro lado, os filósofos edificantes “são reativos e oferecem sátiras, paródias, aforismas. Sabem que seu trabalho perde o propósito quando o período contra o qual estão reagindo já terminou. São intencionalmente periféricos e destroem em benefício de sua própria geração. Desejam manter o espaço aberto para o sentido de admiração que os poetas podem causar as vezes” (Rorty, 1994, p. 363).

Os filósofos edificantes podem ser vistos como parceiros da *conversação* em que a sabedoria é pensada não como argumentação, mas como amor, e cuja realização não consiste em encontrar o vocabulário correto para apresentar a essência, mas postular uma sabedoria prática necessária para participar numa conversação. Trata-se de ver a filosofia “como a tentativa de prevenir a conversação que degenera em inquirição, em um programa de pesquisa” (Rorty, 1994, p. 366). É por isso que os filósofos edificantes nunca podem erigir a filosofia como sistema, pois ela nunca termina e deve ser retida para que não alcance a trilha segura da ciência. Nesse sentido, “a hermenêutica é sempre parasítica em relação à possibilidade (e talvez em relação à efetividade) da epistemologia [...]. Insistir em ser hermenêuticos onde bastaria a epistemologia [...] não é loucura, mas mostra uma carência de educação” (Rorty, 1994, p. 359-360).

Nessa linha de argumentação, Rorty propõe uma Filosofia sem espelhos onde o conhecer não deve ser buscado como tendo uma essência a ser descrita por cientistas ou filósofos, mas antes um direito, pelos padrões correntes, de acreditar na possibilidade da *conversação* como contexto último dentro do qual deve ser compreendido. Uma vez encetado esse processo, muda nosso foco de relação entre seres humanos e os objetos de inquirição para a relação entre padrões alternativos de justificação que compõe a história intelectual. A hermenêutica, neste contexto, “não é outro modo de conhecer – compreender enquanto oposto à explicação (preditiva). É vista melhor como outra maneira de lidar” (1994, p. 349).

No texto *A filosofia e o futuro*, Rorty (2000) compartilha da concepção de Dewey de que “teremos de dispensar todas as tentativas de tornar a filosofia uma atividade tão autônoma quanto ela havia sido antes dos filósofos começarem a levar o tempo a sério” (2000, p. 134). O filósofo, diante desse novo papel da filosofia, tornar-se-ia então uma espécie de trabalhador

braçal ou profeta, isto é, alguém capaz de mesclar a tarefa de limpar “certos resíduos” do passado e anunciar propostas futuras. Tal papel é semelhante ao que foi descrito por Bacon e Descartes, quando associavam o desejo de livrar-se de resíduos aristotélicos e incorporavam visões utópicas do futuro. Para Rorty, “parar de se preocupar com a autonomia da filosofia significa, entre outras coisas, parar de querer estabelecer linhas muito claras para distinguir questões filosóficas de questões políticas, religiosas, estéticas ou econômicas” (2000, p. 135). Com isso a preocupação não pode mais se localizar na ideia de manter a filosofia num estado de pureza, ou de trata-la como se fosse uma disciplina no topo da hierarquia das disciplinas, mas o de construir pontes entre as nações e de tomar iniciativas cosmopolitas. Para que isso ocorra, diz Rorty, os professores de filosofia precisam encontrar uma maneira de evitar três grandes tentações: “o anseio revolucionário de ver a filosofia como um agente de mudança, ao invés de vê-la como um agente de reconciliação; o anseio escolástico de confinar-se às fronteiras disciplinares; e o anseio chauvenista”¹ (2000, p. 138). Para Rorty, tais tentações serão evitadas se adotarmos a concepção que Dewey tinha do papel e da função dos filósofos, a saber “um trabalho de reconciliação do velho com o novo, e de nossa função profissional como sendo a de servir de intermediários honestos entre gerações, entre áreas de atividade cultural e entre tradições” (2000, p. 138). Trata-se de uma espécie de cosmopolitismo multicultural e heterogêneo que não se corporifica em status de corporações, ou de organismos internacionais como a ONU ou a UNESCO. O cosmopolitismo pensado por Rorty se associa “a imagem de uma democracia planetária, uma sociedade na qual a tortura ou o fechamento de uma universidade ou um jornal nos causarão tanta revolta se acontecerem do outro lado do mundo quanto se acontecerem em nosso país” (2000, p. 139). Os filósofos, para Rorty, não estarão na vanguarda dessa utopia, mas ocuparão um papel periférico, menor, porém útil na sua criação. Farão o papel de mediação entre a linguagem igualitária e as linguagens explicitamente discriminatórias de muitas tradições culturais diferentes. Trata-se, enfim, de uma função de persuadir homens e mulheres para que se tornem livres. Sendo assim, a grande função dos filósofos, segundo Rorty, é serem servos da democracia.

Referências

- OLIVEIRA, Manfredo A. *Filosofia na crise da modernidade*. São Paulo: Loyola, 1995.
- RORTY, Richard. *A filosofia e o espelho da natureza*. Tradução de Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- RORTY, Richard. A filosofia e o futuro. In: MAGRO, C.; PEREIRA, A. M. (Orgs.) *Pragmatismo: a filosofia da criação e da mudança*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. p. 125-142.
- ROUANET, Sergio Paulo. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

¹ 'Chauvenismo' designa o risco da filosofia restringir-se a particularidades ou nacionalidades. “Ocasionalmente, vemos filósofos dizendo que o seu país, ou a sua região, requer uma filosofia particular: que cada nação precisa de uma filosofia própria, para expressar sua própria e única experiência, do mesmo modo que precisa de uma bandeira e de um hino nacional” (Rorty, 2000, p. 138).